



No próximo dia 12 de agosto se completará o centenário de nascimento da Sra. Maria de Lourdes Acioli – nossa eterna Maria Japona – nascida no Estado de Pernambuco e com identidade de nº 233.188, confeccionada pelo Serviço de Identificação da Marinha. Conta-se que, desde a II Guerra Mundial, Maria estava sempre presente ao cais, encapelava as espias e saudava as tripulações nas manobras de atracação. No centenário do nascimento desta singular personalidade, o Clube Naval tem a honra de reverenciar a sua memória e enaltecer o seu amor pela Marinha.

MARIA JAPONA

Uma
lenda de 100 anos



CMG (Ref) Sergio Oliveira Araujo

Seu semblante não deixava dúvidas para quem a olhasse, mesmo que de relance: tratava-se de uma louca. Olhos injetados, embora vagos, fisionomia triste, a despeito de um leve sorriso nos lábios. Andar errático, aspecto descuidado, cabelos em desalinho, com muitos fios brancos. Aparentava ter uns sessenta anos. Sempre carregava nos braços uma surrada japona, que nem no inverno vestia. Segundo diziam, o agasalho pertencera ao seu marido, um marinheiro, falecido durante a Segunda Guerra, razão da sua loucura. Estamos falando dos anos sessenta, quinze anos após o término do conflito. Pelo tempo passado e pela idade que parecia ter, a história batia. Certamente, deve ter se casado muito cedo.

Frequentava o entorno do Primeiro Distrito Naval, local onde ingressava sem ser molestada. Por onde passava, ouvia-se um alarido:

- E aí Maria? Gritavam os marinheiros.
- Bom dia marujo, respondia ela.

Falava com todo o mundo. Aos mais novos, de terno, chamava de “seu Tenente”. Aos mais velhos, de “Comandante”. Quando solicitava, era prontamente recebida nos gabinetes dos almirantes, inclusive no do terceiro andar, onde despachava o Ministro da Marinha.

Infalivelmente, aparecia no dia do pagamento. Parecia até que lia o BONO (boletim de ordens e notícias). Nesse dia, por ocasião do licenciamento, postava-se no portão que dava acesso ao Arsenal de Marinha,

próximo à antiga Odontoclínica. Ali, de forma característica, pedia dinheiro a quem passasse. A maioria lhe escorregava uns trocados. Lembro-me bem quando se dirigia a mim: – Seu Tenente, saiu o jacaré⁽¹⁾?

Nunca deixei de ajudá-la.

Conheci a Maria no dia 7 de setembro de 1960, quando participei, pela primeira vez, da parada militar. O Grupamento da Escola Naval aguardava o início do desfile já na Avenida Presidente Vargas, na altura da Avenida Passos. A solenidade começava pontualmente às 9h. A partir das 7h já nos encontrávamos no local. Com as armas ensarilhadas⁽²⁾, pequenos grupos conversavam, enquanto aguardávamos o início do desfile. Um pouco mais tarde chegou Maria Japona, aguardada pela maioria dos aspirantes que já a conheciam das paradas anteriores. Seu espalhafato chamou a atenção do público presente. Eu, como calouro, jamais a tinha visto. Nunca mais esqueci seu aspecto andrajoso, sua expressão facial carregada de sofrimento, de maus tratos e de alienação. Demonstrava uma falsa alegria, delirando num mundo irreal, protegido por uma triste insanidade. Paradoxalmente, a falta de discernimento a ajudava a conviver com a miséria e o sofrimento de uma perda irreparável.

Imediatamente acercou-se do Batalhão Escolar. Puxou papo com vários aspirantes, pois não estávamos em formatura. Como de costume, Maria ofereceu-se para comprar sorvete na carrocinha da Kibon, que estava próxima. Recebia o dinheiro, comprava o picolé e entregava a encomenda o mais rápido que pudesse, prestando um apoio logístico que a deixava feliz. Iniciada a marcha, Maria Japona nos acompanhava pela pista lateral. O barulho da banda, da marcação da cadência e a concentração no alinhamento faziam Maria Japona ser apagada, temporariamente, da nossa memória. Passávamos pelo palanque oficial, local onde eram prestadas as continências de estilo. Em seguida, virávamos à direita na direção da Central do Brasil. Neste ponto era dado “alto” ao batalhão. Retirávamos a baioneta do fuzil, colocando-a na cintura. Utilizáva-

mos a alça da bandoleira para pendurar o fuzil no ombro. Tudo ficava mais cômodo e mais leve. Após esse breve descanso, iniciávamos o caminho inverso, descendo a Avenida Marechal Floriano que corria paralela à via do desfile. Não demorava muito para Maria Japona aparecer novamente, agora marchando ao nosso lado. Como nesse trecho não havia cordão de isolamento, Maria quase entrava na formatura. Parecia uma criança desfilando conosco, gritando “Viva à Marinha” e tentando sincronizar seus passos com a nossa cadência. Havia necessidade de correr, pois estávamos marchando. Maria ia até o Cais da Bandeira, local onde embarcávamos num Aviso (embarcação para transporte) de volta à Escola Naval.

A convivência de Maria Japona na Marinha nem sempre foi cercada de harmonia. Nas suas andanças pelo Distrito não podia encontrar mulheres, seja lá quem fossem: funcionárias, esposas de oficiais, clientes do hospital, visitas de um modo geral. A todas dirigia improperios de baixo calão, com ordens ríspidas para que abandonassem o local. Quando a ocorrência chegava ao conhecimento do Oficial de Serviço na Sala de Estado, este, prontamente, acionava os fuzileiros navais. Começava o corre-corre. Gritos e pedradas para todos os lados. Maria não refrescava, enfrentando os navais com muita agressividade. Os xingamentos agora eram dirigidos aos militares. Chamá-los de “praga amarela”⁽³⁾, naquela altura, era recebido como elogio. Quem estivesse por perto teria que encontrar proteção para não sair da cizânia, no mínimo, com um galo na cabeça. A balbúrdia, o rebuliço, ou melhor, o rebuceteio, para falar no linguajar marinho, demorava a acabar. No final, os navais saíam vencedores, imobilizando Maria Japona, até ser colocada no olho da rua, bem distante da entrada do Distrito. Se aos marinheiros derramava carinho e simpatia, aos navais demonstrava forte ressentimento, para não dizer, ódio mortal. Falar ao seu lado em Emilinha Borba, famosa cantora do rádio, nem pensar. Ela, Maria Japona, era a verdadeira favorita da Marinha.

*Habitat natural
de Maria Japona*



Outro aspecto da convivência de Maria Japona na Marinha é nebuloso e cheio de mistérios. Por incrível que possa parecer, Maria Japona realizava viagens a bordo dos navios de guerra, tipo cruzeiros de férias. Introduzida clandestinamente pelos marinheiros, Maria aparecia nos portos mais longínquos. Numa operação da Esquadra para o continente africano, Maria Japona, de repente, apareceu em Dakar, no Senegal. Pelo menos durante vinte dias Maria viajou escondida “cobertas abaixo”. Um colega de turma a encontrou no Pará. Por estranha coincidência, na época, alguns navios baseados no Rio, encontravam-se atracados no porto de Belém. Esses fatos suscitam uma série de perguntas. Como eram as combinações que terminavam na aceitação da viagem? A que horas Maria Japona embarcava? Era mantida escondida durante toda a duração da viagem, ou vivia normalmente transitando a bordo, às vezes portando óculos escuros e toalha para pegar um bronze no convés? O Comandante tinha conhecimento de sua presença, após ser descoberta? Tinha privacidade, considerando que os navios da Marinha, na época, não possuíam instalações femininas?

Maria Japona não era a única louca da Marinha conhecida como tal. Outros dois contemporâneos, Jacaré e Paixão eram também figuras manjadas que, ainda por cima, desfrutavam de um certo amparo, pois moravam nas instalações navais. Muitos outros, crias da casa, apresentavam comportamento suspeito, porém sem conseguirem a visibilidade dos três mais famosos. Basta perflustrar ligeiramente o tico-tico⁽⁴⁾ para identificar exemplares representativos.

Jacaré vivia nos navios inativos atracados no molhe da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN). Não o conheci pessoalmente e parece que não possuía o grau do desequilíbrio mental de Maria Japona. Era um eremita naval da era moderna. Trocou a caverna medieval por um navio, dispondo, entre outras comodidades, de beliche para dormir, cozinha e banheiro. Desconheço se tinha pendores de oráculo, atendendo à clientela próxima do Bode Verde⁽⁵⁾, para lembrar-lhes de que ainda restaria muito o que fazer⁽⁶⁾.

Paixão vivia debaixo de uma escada num dos prédios do Arsenal de Marinha. Aparentava ter muita

idade. Seus pais certamente alcançaram a época da escravidão. Era acometido de uma esclerose em alto grau. Fazia as quatro refeições no prédio do rancho, que ficava situado bem em frente ao seu endereço. Possivelmente esta deve ter sido a razão da sua longevidade. Vivava da lavagem de carros. Numa área de cinquenta metros quadrados aproximadamente, espalhava seus instrumentos de trabalho: baldes, vassouras, panos, escovas e sabão. Trabalhava o dia inteiro, trocando de lugar os apetrechos citados. Pegava o balde dirigindo-se para apanhar a vassoura. Ao segurá-la, deixava o balde, caminhando agora em direção ao pano mais próximo. Ambos, vassoura e pano, eram abandonados para apanhar o sabão. Assim, tinha a intenção de cumprir tarefas que eram esquecidas no minuto seguinte. Não sei como sobrava tempo para lavar os carros. Diziam que, na falta de água doce na bica, recorria à água do

Tributo à Maria Japona

Maria Japona da Marinha a devota fervorosa
Desde o princípio da Segunda Guerra Mundial,
Engajada, no Nordeste, à novel Força Naval,
Sua presença desde então já era contenciosa.
Da sua ingenuidade advinha a irreverência
E a intimidade com a marujada e oficialidade,
Merecendo dos altos escalões a paternidade
Talvez porque fosse mesmo digna de clemência.
Apesar de sua condição de quase demência,

mar. Quando morreu, descobriram uma pequena fortuna guardada sob seu colchão, em notas de pequeno valor, em decorrência de décadas vividas no Arsenal sem sair, possivelmente sem gastar um centavo. Isso é o que podemos chamar de aplicação de longo prazo.

Quando eu era Capitão de Corveta, servindo como Assistente na Escola Naval e Maria há muito tempo sumida, obtive a aquiescência do Diretor da Escola para tentar localizá-la nos manicômios do Rio. Tinha a esperança de encontrá-la, visando dar àquela que demonstrara tanto amor à Marinha, um tratamento

**Fácil encontrá-la
no Cais da Bandeira**





*Sempre avistada
no Cais da Portuguesa*

Distingua o posto, a graduação e a patente...
E no chavão: “tá na onça, marujo”, ou “seu tenente”,
Conquistava os que conheciam a sua carência.

A tradicional japona, sua fiel companheira,
Servia-lhe de abrigo e de proteção do frio;
E por toda a sua existência foi seu desafio
Sobreviver da solidariedade marinheira.

Ela reconhecia o militar à paisana e os civis;
Para estes, os gracejos, mesmo os mais sutis,
Eram repelidos com pedradas e palavrões.

Nas cerimônias sua presença era inevitável,
Pois burlava a vigilância, mesmo se rigorosa,
E dos Chefes Navais o tratamento era amável.

Quanta magnitude de oficiais e marinheiros
Para com a mulher humilde, mas predestinada!
E na sua ingênua devoção, às vezes exagerada,
Discriminava com requinte civis e fuzileiros.

“Maria Japona” viveu a sua própria odisseia
E em qualquer navio se integrava à guarnição,
Que de suas comédias fora a mais fiel plateia.

José Augusto de Oliveira

digno, mais personalizado. Não se constituiria em tarefa fácil. As atribuições do dia a dia fizeram a iniciativa cair no esquecimento. Além disso, naquela altura do campeonato, Maria Japona já poderia ter falecido. Mais tarde, comissionado como Comandante do Corpo de Aspirantes na mesma Escola, recebi a tarefa de instalar, na parte alta da Ilha, uma cantina para os aspirantes. Lembrei-me de colocar o nome de Maria Japona. Porém, fui dissuadido pelo Diretor, considerando tratar-se de pessoa contraditória, cujo comportamento, em algumas ocasiões, como já descrito, deixava muito a desejar.

Curiosamente, no início de cada mês, Maria Japona é lembrada por mim. Por ocasião do pagamento de minha secretária, que vive na minha casa há meio século, ao entregar-lhe seu ordenado, infalivelmente digo:

– Cícera, aqui está seu jacaré. ■

Notas

(1) Jacaré: nome dado por Maria Japona quando se referia ao salário mensal.

(2) Ensarilhadas: quando 3 fuzis são colocados em pé, encaixados na altura do cano, formando um tripé.

(3) Praga amarela: apelido dado aos fuzileiros navais por terem uma de suas fardas na cor cáqui, puxado para o amarelo.

(4) Tico-tico: publicação onde estão listados todos os Oficiais da Marinha.

(5) Bode Verde: símbolo utilizado nos navios hidrográficos, onde um bode pintado de verde figura no costado ou na chaminé dos navios.

(6) Alusão ao lema utilizado pelos hidrógrafos sobre o imenso trabalho que representa o levantamento de toda a costa brasileira: “**Restará sempre muito o que fazer.**”